

A metáfora do hipertexto e a cidade contemporânea

Reflexão seguida de ensaio – A área circundante
à estação do Metro de Sete Bicas, em Matosinhos,
como objecto hipertextual¹

The hypertext metaphor and the contemporary city

A reflection followed by an essay – The Sete Bicas Metro
station area, in Matosinhos, as a hypertextual object

Sara Sucena, arquitecta

Professora Auxiliar, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa

Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, CEAU-FAUP

Laboratório de Estudos e Projetos, LEP-UFP

[ssg@ufp.edu.pt]

¹ Texto escrito segundo a antiga ortografia.

RESUMO

O presente artigo reflecte sobre o hipertexto como metáfora instrumental no âmbito da cidade contemporânea, visando contribuir para ampliar, aprofundar e diversificar a sua conceptualização. Parte das noções de 'hipercidade' e de 'sociedade hipertexto' propostas, respectivamente, por André Corboz, em 1993, e François Ascher, em 2001. Inspira-se na ideia de que a transposição da mecânica do hipertexto para a cidade pode sustentar a abertura a um diferente modo de a consciencializar, a exemplo da que decorreu da transposição da mecânica da cidade para o hipertexto, que inicialmente ajudou a familiarizar o utilizador da Internet com os ambientes virtuais então desconhecidos. Finalmente, assume a premissa de que a cidade actual pode ser percebida como objecto hipertextual, daí advindo um potencial e estímulos renovados, quer para a sua escrita (projecto urbano), quer para a sua leitura (análise urbana). Assim enquadrado o caso de estudo – uma pequena parte da zona conhecida como Sete Bicas, em Matosinhos –, aí tem lugar o duplo ensaio que se empreende: a aplicação nesse contexto urbano das seis características do hipertexto identificadas e descritas por Pierre Lévy (1990) e a construção do pensamento que sustenta essa transposição metafórica.

Palavras-chave

Cidade, Hipertexto, Hipercidade, Análise urbana

ABSTRACT

This paper reflects on hypertext as an instrumental metaphor within the context of the contemporary city, aiming to contribute to expand, deepen and diversify the conceptualization of the latter. It stems from the notions of 'hypercity' and 'hypertext society', respectively proposed by André Corboz, in 1993, and François Ascher, in 2001. It is inspired by the idea that the transferring of the hypertext's mechanics to the city will enable a first step into a different awareness of it, like the one that resulted from the transferring of city's mechanics to hypertext, which initially helped to acquaint the Internet user with the then unknown virtual environment. Finally, it draws on the premise that the present-day city can be perceived as a hypertextual object, from which a renewed potential and stimulus arises, both in the way it is written (urban project) as in the manner of its reading (urban analysis). Thus framed, the case study – a small part of the area known as Sete Bicas, in Matosinhos –, is the subject of a twofold essay: the application to this urban context of the six characteristics of hypertext identified and described by Pierre Lévy (1990) and the formulation of the rationale that supports this metaphorical transference.

Keywords

City, Hypertext, Hypercity, Urban analysis

1. INTRODUÇÃO – SOCIEDADE HIPERTEXTO

Em *Les Nouveaux Principes de L'urbanisme*, de 2001, François Ascher assentava a modernidade em que vivemos – a terceira – na 'sociedade hipertexto'. Sustentando a metáfora no contexto da informática, equiparava o indivíduo à palavra que, num texto, após ser clicada, permite

[...] aceder a esta mesma palavra numa série de outros textos [...]; em cada um participa na produção de sentidos diferentes interagindo com outras palavras do texto, mas segundo sintaxes que eventualmente variam de um texto para outro. (Ascher, 2011, p.47)

Assim entendia Ascher o ser humano contemporâneo, que nas suas múltiplas situações de interacção social assume

diferentes papéis e significados, comportando-se diversamente segundo códigos distintos, em cada um desses momentos produzindo um particular sentido de si. Outra interpretação que o autor retirava da palavra hipertexto, atendendo ao seu prefixo, era a de "espaço a n dimensões" (Ascher, 2001, p.47). Estariam aí implícitas as dimensões espaciais que suportavam aquelas diferentes interacções, designadamente o espaço físico e o espaço virtual; mas também as dimensões temporais em que, neles, as específicas manifestações diversamente ocorriam: o tempo imediato e a sensação de ubiquidade no mundo virtual; o tempo experienciado da deslocação no mundo físico, dependente da velocidade do meio de transporte a que se recorre para vencer as distâncias, se não se o fizer pelo próprio pé.

No capítulo em que explica a transformação social operada, Ascher destaca a importância determinante das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) nesse processo, com efeitos na totalidade dos aspectos que enformam a colectividade económica, social, cultural, de que fazemos parte. No exercício de síntese com que termina esse capítulo – uma tabela comparativa entre as “três revoluções urbanas modernas”, ou entre os três estádios de modernidade que reconhece –, Ascher lista os tópicos e as características essenciais que fundamentalmente denotam e estruturam a mudança. Um deles, a matéria que mais directamente se relaciona com a exploração ensaística que adiante neste artigo se empreende, refere a manifestação específica da sociedade hipertexto no plano do território físico, ou seja, o “tipo urbano dominante”, para usar as palavras do autor: o “sistema metropolitano” (Ascher, 2001, p.59). A este voltaremos em páginas seguintes do texto, após conceptualizarmos, a nosso interesse, o termo ‘hipertexto’, em sequência o debatendo como metáfora subjacente à ‘hipercidade’.

2. HIPERTEXTO

A palavra ‘hipertexto’ foi cunhada, em 1965, por Theodore (Ted) Nelson no âmbito da informática (Levy, 1994, p.39). Duplamente, aí designa “um corpo de material escrito ou pictórico interligado de um modo tão complexo que não poderia ser apresentado ou representado de forma conveniente em papel” (Nelson *cit. in* Domingues, 2015, p.38) e concretiza uma “escrita não sequencial – texto que se ramifica e permite escolhas por parte do leitor, [...] uma série de pedaços de texto conectados por ligações que oferecem ao leitor diferentes caminhos” (Nelson *cit. in* Landow, 2006, pp.2–3).

Nota, no entanto, George P. Landow (2006) a emergência de uma noção similar, igualmente por esses anos, no âmbito da literatura e da linguística, através dos escritos de Roland Barthes e de Jacques Derrida. Numa acepção não muito distante da de Nelson, Barthes (em *S/Z*, de 1970) dá expressão à palavra ‘lexia’ para significar o “texto composto por blocos de texto” (Landow, 2006, p.2), e Derrida, no domínio da ‘intertextualidade’, usa o vocábulo ‘pedaço’ para referir o texto entre aspas (ou parênteses) que se isola e transporta para novos contextos de referência (Landow, 2006, pp.53–54).

Ambos os contributos denotam, por extrapolação além da especificidade do pensamento dos seus autores, uma clara analogia com a condição substantiva do hipertexto.

Ainda no campo da teoria crítica, Gilles Deleuze e Félix Guattari são igualmente referentes importantes nesta discussão pela conceptualização que, em 1976, fazem do termo ‘rizoma’, que importam da Biologia e metaforicamente lhes permite qualificar um outro tipo de livro, distinto do que se materializa em papel pelo modo de escrita aberto. Explicando-o, enumeram seis “características aproximativas de rizoma” (Deleuze e Guattari, 2016, p.17)², as quais, segundo Ana Teresa Ascensão *et. al.* (2014, p.125), são posteriormente apropriadas e reinterpretadas por Pierre Lévy na construção dos seis “princípios abstractos” com que, em 1990, na obra *Les Technologies de l'Intelligence*, caracteriza ‘hipertexto’. A transcrever criticamente adiante, estes são agora apenas designados: os princípios de metamorfose, de heterogeneidade, de multiplicidade e de encaixe das escalas, de exterioridade, de topologia, e, por último, o princípio de mobilidade dos centros (Lévy, 1994, pp.31–34).

É ainda um dos contributos de Lévy a descrição de hipertexto “por oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede [...] constituído por pontos (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais, etc.) e de ligações entre esses pontos (referências, notas...)” (Lévy, 2001, p.41) Já David Kolb, considerando que é pelo foco na ordem de leitura (linear vs. não linear) e pela oposição entre texto e hipertexto que a maior parte das definições de hipertexto que conhece se iniciam, opta por o enfatizar “como um conjunto de porções de texto que têm um modelo de ligação não sequencial e, portanto, muitos percursos de leitura possível” (Kolb, 1998, s.p.). Finalmente, manifestando-se também sobre a contraposição acima, e recusando o carácter exclusivo com que correntemente se apresenta, Carolyn Guyer (*cit. in* Tosca, s.d., s.p.) afirma: “Não, hipertexto não é sobre falta de linearidade.

² Pela sua menor importância ao desenvolvimento do artigo, apenas se listam (e não se debatem ou apresentam extensivamente aqui) esses princípios: Princípios de conexão, de heterogeneidade, de multiplicidade, de ruptura significativa, e, os dois últimos, princípios de cartografia e de decalcomania (Deleuze e Guattari, 2016, pp.17 e ss.).

Para mim, hipertexto é a combinação necessária de não sequencial e linear. Nunca há uma falta ou ausência completa de linearidade”³.

Travada sobretudo no domínio da literatura e da relação entre texto/livro e processos de escrita e de leitura, a discussão com que acima se define hipertexto tem também eco no campo disciplinar da Arquitectura, a partir dos primeiros anos da década de noventa, pela mão de André Corboz⁴. Em 1997, ele assim o descreve por oposição a texto:

*Um texto pode ser definido como uma série de parágrafos sucessivos, geralmente impressos em papel, e que habitualmente são lidos do início ao fim. Um hipertexto, por seu lado, é um conjunto de dados textuais digitalizados num meio electrónico e que podem ser lidos em ordens muito diferentes. Um texto – este é o ponto importante – é uma estrutura linear, em princípio hierárquica, perceptível pelo conjunto dos sentidos – um artigo, um livro, assumem-se como tal. Um hipertexto, pelo contrário, não é assim apreendido pelos sentidos; não tem uma estrutura unívoca e imperativa; é percorrido quase ad libitum; em última análise, não tem autor ou não tem apenas um autor. [Corboz, 1997, p.6]*⁵

³ Todas as citações transcritas das publicações em língua não-portuguesa são traduções da responsabilidade da autora. As mesmas serão acompanhadas, em nota, pelo texto em idioma original ou da obra consultada. “No, hypertext is not about lack of linearity. For me, hypertext is about the necessary combination of non sequential and linear. There is never a lack or complete absence of linearity.”

⁴ Sébastien Marot, no capítulo de apresentação de *Le territoire comme palimpseste et autres essais* (2001), refere que a metáfora do ‘hipertexto’ foi explorada por André Corboz na sequência da de ‘palimpsesto’, esta em 1983 e a primeira dez anos mais tarde (segundo nota que refere a publicação originária), em 1994. Já o parágrafo introdutório à transcrição de uma conferência que aqui citamos situa essa primeira referência a hipertexto em 1993 [cfr. http://www.jointmaster.ch/jma/ch/de-ch/file.cfm/document/La_Suisse_comme_hyperville.pdf?contentid=1040].

⁵ “On peut définir un texte comme un ensemble de paragraphes successifs, généralement imprimé sur papier, et qui se lit habituellement depuis le début jusqu’à la fin. Un hypertexte, lui, est un ensemble de données textuelles numérisées sur un support électronique et qui peuvent se lire dans des ordres très divers. Un texte – c’est le point important – est une structure linéaire, en principe hiérarchisée, perceptible par les sens en tant que tout – un article, un livre se prennent en main. Un hypertexte, au contraire, n’est pas comme tel saisissable par les sens; il ne possède pas de structure univoque et impérative; il se parcourt presque *ad libitum*; à la limite, il n’a pas d’auteur ou pas qu’un seul auteur.”

É este entendimento que sustenta a metaforização do termo na relação com a cidade contemporânea, uma relação que, em 1994, Corboz cunhará de modo explícito através da designação ‘hipercidade’, que abaixo sumariamente descreveremos.

3. HIPERTEXTO E (HIPER)CIDADE

As definições anteriores enquadram o sentido geral que a este tópico interessa, aquele que envolve a escrita e o que dela resulta – o texto. Do paralelismo facilmente estabelecido entre esse e a matéria da arquitectura deu conta Corboz, como referimos, mas outros arquitectos e pensadores da disciplina expressaram essa sintonia, antes e depois dele. O facto não será certamente indiferente a etimologia da palavra *escrever*, que, em latim, de acordo com Carlos Marinheiro (2010), significa *marcar, traçar...*, remetendo directamente para actos familiares e essenciais ao exercício da arquitectura – o marcar, o traçar *do e no território*, no solo, compartimentando o espaço geofísico com mais ou menos perenidade.

Mas aquela transposição também beneficia da corrente referência aos elementos constituintes da arquitectura e aos códigos de relação entre eles como expressão de linguagem(ns). Na “Introdução” ao seu livro *Il Linguaggio Moderno dell’Architettura*, de 1973, o qual Bruno Zevi escreve em resposta a *The Classical Language of Architecture*, publicado por John Summerson em 1964, essa questão da linguagem é abordada como fulcro da prática da arquitectura que, na sua ausência, não tem como coerentemente transmitir mensagem(ns):

Sem uma língua não se pode falar. Mais ainda, sabe-se bem que a língua «nas fala» no sentido em que oferece instrumentos de comunicação sem os quais não seria possível sequer a própria elaboração dos pensamentos. [Zevi, 1984, p.11]

O léxico e sintaxe específicos que estruturam as linguagens da arquitectura suportam então a construção de texto arquitectónico, ou de unidades de texto, que por adição, subtracção, sobreposição, compõem o escrito da cidade e

alicerçam a sua imagem em modelos mais ou menos coerentes. De algum modo é isso que cremos subjacente à ênfase na 'legibilidade' urbana que Kevin Lynch propôs como qualidade fundamental em *The Image of the City*, de 1960, *i.e.*, a noção de que a cidade, ou as suas "partes podem ser reconhecidas e organizadas" (Lynch, 1982, p.13) – ou poderíamos dizer, lidas – na dependência da maior ou menor clareza com que são percebidas por quem as habita, dessa dependendo os códigos de sentido privados e públicos, individuais e partilhados.

Que a cidade se escreve, ou está escrita, é o que assume, alguns anos mais tarde, Manuel de Solà-Morales, no artigo *Ciudades Cortadas*, de 1994, quando enuncia: "um projecto é um texto que se anexa a tantas narrações já existentes." (Solà-Morales, 2002, p.32) Admite, a propósito, que a aceitação da cidade como texto supõe um modo de projectar específico, "itinerante e linear como uma narração", trabalhando uma consequente relação com o tempo, igualmente linear/sequencial (desde a ideia de projecto até à sua materialização física, à sua vivência(s) e interpretação histórica), em confronto "com o substrato precedente da cidade como construção contínua" (Solà-Morales, 2002, p.32).

É também o entendimento da cidade como texto, embora recusando a linearidade da composição em que se apoia Solà-Morales, que leva Rem Koolhaas a afirmar que "[a] escrita da cidade (Genérica) pode resultar indecifrável e defeituosa, mas isso não significa que não *haja* escrita" (Koolhaas, 2010, p.45). Discorria este autor, igualmente em 1994, sobre a *Generic City* e o modo como os objectos que a compunham pareciam ter "caído na terra ao acaso", uma sua característica estrutural que desafia os esquemas de leitura (lineares) convencionais e reflecte "um novo alfabetismo", exigente de uma paciente descoberta e destaque dos "temas", "partículas" e "filamentos" constituintes da actual (e diferente) redacção urbana. O tempo acumulado e estratificado que Solà-Morales descreve e associa à representação de palimpsesto é, para Koolhaas, tendencialmente plano, sincrónico, do qual está ausente a espessura da acumulação histórica temporalmente descontinua, pois que as "[c]idades genéricas surgem da *tabella rasa*" (Koolhaas, 2010, p.44).

A relação com o tempo, enquanto factor directamente implicado na configuração urbana e determinante do modo como a sua leitura se faz, revela-se, portanto, central. Solà-Morales admite-o quando, aludindo ao romance ficcionado de Alan Lightman, *Einstein's Dreams* (1992), escreve: "[o]utras formas do tempo não lineares (...) poderiam mudar completamente o nosso modo de entender a cidade, e a nossa maneira de intervir na mesma" (Solà-Morales, 2002, p.32). Mas é André Corboz quem, ainda em 1994, e como antes referimos, mais oportunamente capta a presença dessa relação multidimensional no espaço urbano contemporâneo, assim como a necessidade do seu reconhecimento. A designação 'hipercidade', por analogia com o 'hipertexto', foi uma sua contribuição para a actualização de um vocabulário urbano que entendeu desajustado da realidade que pretendia representar, "seja porque os termos usados designam realidades que já não existem, seja porque conotam ou implicam julgamentos de valor." (Corboz, 1997, p.5-6)⁶

Nesse raciocínio de actualização terminológica e conceptual, Corboz identifica naquela metáfora o sentido da transposição de características fundamentais daquele referente para a cidade actual:

Como o hipertexto, a hipercidade é acessível de várias maneiras; entra-se nela, sai-se dela por uma infinidade de pontos – pelo menos se ainda se puder falar em entrada e saída –; também aí se circula por itinerários extremamente variadas, desde que as actividades estejam dispersas e, principalmente, que não haja centro, um centro, mas sim polaridades. (Corboz, 1997, p.6)⁷

Enquadrando esta analogia na relação entre a configuração da cidade e a sociedade que representa, cabe agora recuperar, do início do presente artigo, a referência ao "sistema metropolitano" como expressão do "tipo urbano dominante"

6 "[...] soit que les termes utilisé désignent des réalités qui n'existent plus, soit qu'ils connotent ou impliquent des jugements de valeur."

7 "Comme l'hypertexte, l'hypercité est accessible de diverses façons ; on y entre, on en sort par une multitude de points – du moins si l'on peut encore parler d'entrée et de sortie – ; on y circule également par des itinéraires extrêmement variés, du moment que les activités y sont dispersées, et surtout qu'il n'y a pas de centre, un centre, mais des polarités."

na “sociedade hipertexto”, tal como proposta por Ascher, e apresentar a sua definição de “metápoles” (ou “metapólis”, o termo por si cunhado em 1995): “vastas conurbações, extensas e descontínuas, heterogêneas e multipolarizadas” (Ascher, 2001, p.62).

A crueza descritiva do fenómeno urbano contemporâneo e a urgência de distintos olhares sobre a cidade vêm, no entanto, ainda de Corboz (1997, p.7):

[...] se não pode ser apreendida pelos sentidos como um todo, se carece de uma estrutura hierárquica e é capaz de ser percorrida em todas as direcções, se a hipercidade nos repugna, se nos parece contraditoriamente caótica e monótona, se ela encarna para a maioria das pessoas a abominação da desolação, enfim, se a percebemos como um espaço de pura dispersão, homogênea à força da heterogeneidade, como disse Alain Charre, é, creio eu, devido a uma noção implícita, que instintivamente determina a nossa visão da cidade – (...) o conceito de harmonia.⁸

A unidade e o consenso prévios da apreensão urbana perdem então razão no confronto com a imagem sugerida pelas transcrições acima, cujas percepções estética e, sobretudo, funcional/relacional em nenhum caso traduzem homogeneidade, nem sequer nos tecidos aparentemente mais estabilizados da “cidade velha, anterior à Revolução Industrial” (Corboz, 2000, p.269) que na hipercidade estão inseridos. A revisão do “conceito de harmonia” por desenvolvimento de uma sensibilidade que aceite e integre “em termos de ‘contrastes’, de ‘tensões’, de ‘descontinuidade’, de ‘fragmentação’, de ‘junção’, etc.” (Corboz, 2000, p.267) é uma das premissas que Corboz sustenta, tal como sugere a superação do aparente caos urbano revelado aos sentidos em primeira impressão através do reconhecimento de que a ele subjaz “uma multiplicidade de escolhas que são todas

racionais, ou que aspiram a sê-lo”, ainda que obedecendo “a lógicas diferentes, em oposição” (Corboz, 2000, p.268). O caos da hipercidade parece ter afinal explicação, fazendo-se apelo a um conhecimento da realidade que aceite essa sua génese plural.

Passada uma quinzena de anos sobre a apresentação da *Hyperville* de Corboz, a teoria e a prática do urbanismo/planeamento do final da primeira década de 2000 continuam avessas às morfologias do urbano contemporâneo. Notam então Álvaro Domingues (2009, p.43) e Portas *et al.* (2011, p.37) a necessidade da superação de uma caracterização que, com frequência, para muitas das partes desta hipercidade (que eles designam “urbanização extensiva”), é feita “pela negativa”, ou “pela ocultação”. Referem-se àqueles tecidos em que não se reconhece a “forma canónica de cidade” e onde o “fragmento e a fragmentação” expõem a “falência da cidade (...) como um todo” (Portas *et al.*, 2011, p.37). É assim que, no contexto português, o reconhecimento da existência e da especificidade daquela ocupação fragmentada se faz, ganhando aceitação com o passar dos anos, como o denota a *Estratégia e Modelo Territorial* sustentada no *Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território* (PNPOT), tal como definida no documento de Discussão Pública de 2018, que apoia a sua revisão. Aí se distingue um dos tipos de subsistema territorial que cobre extensas áreas do litoral nacional pelo “crescimento urbano disperso e fragmentado territorialmente” (DGT, p.105), cuja opção estratégica assenta na sua valorização.

Neste âmbito, adquire, portanto, sentido a ampliação de reflexão crítica sobre aqueles espaços da fragmentação urbana, bem como de esquemas interpretativos e de conceptualização renovados que a possam sustentar e/ou para ela contribuir. Alicerçada nesta vocação, o ensaio abaixo encontra o seu enquadramento.

⁸ “[...] si elle n'est pas saisissable par les sens en tant qu'ensemble, si elle est dépourvue de structure hiérarchisée et susceptible d'être parcourue en tous sens, si l'hyperville nous répugne, si elle apparait contradictoirement comme chaotique et monotone, si elle incarne pour la plupart des gens l'abomination de la désolation, bref, si nous la percevons comme un espace de pure dispersion, homogène à force d'hétérogénéité, comme l'a dit Alain Charre, c'est, je crois, en raison d'une notion implicite, qui détermine comme instinctivement notre vision de la ville – (...) la notion d'harmonie.”

4. AS SETE BICAS (MATOSINHOS) COMO HIPERTEXTO – ENSAIO⁹ NA HIPERCIDADE

4.1. Introdução

O presente tópico explora a aplicação das seis características do hipertexto identificadas e descritas por Pierre Lévy, em 1990, a uma área predeterminada da cidade contemporânea. No ponto 2 (“Hipertexto”) apenas designadas, pretende-se agora, com um exercício que as desloca para fora do seu contexto corrente de referência, estimular um diferente modo de olhar uma realidade urbana conhecida, abrindo a possibilidade de encontrar outras interações conceptuais, e/ou repensar conceitos existentes [designadamente o de *harmonia*, como sugerido acima]. O objectivo é que essa área se constitua o suporte do raciocínio que precisa dela para acontecer, e que depois de estabelecido, e do novo nexos reconhecido, seja transponível para outras partes da cidade, na verdade, para ela como um todo. Antes disso, porém, enuncia-se um *preâmbulo*, expõe-se a *premissa*, e justifica-se o porquê da zona de estudo escolhida.

a) Preâmbulo

Na base da ideia de analisar uma área urbana concreta através da exploração da metáfora do hipertexto está a noção de que se *a transposição da mecânica da cidade para o hipertexto*, ou para o mundo da Internet (uma analogia corrente), revelou benefícios na aceitação inicial desse fenómeno e do seu funcionamento, então pode talvez o raciocínio inverso – *a transposição da mecânica do hipertexto para a cidade* – sustentar a abertura a um diferente modo de consciencializar esta realidade contemporânea.

Ilustrando aquele primeiro paralelismo, Christian Hubert (s.d., s.p.) escreve sobre a “hipertext city”, afirmando que, “[c]omo uma estrutura conceptual, o Hipertexto fornece um meio específico de configurar questões que envolvem o confronto entre o ciberespaço e a cidade”, adiante acrescentando que o rectângulo da caixa de texto virtual “pode ser pensado como uma ‘sala’”. Construindo pontes de racionalidade equivalente, termos que usamos regularmente, e são já linguagem comum, remetem igualmente para a relação entre hipertexto e objectos e/ou terminologia específicos da Arquitectura/Urbanismo: ‘*home page*’, ‘sítio’, ‘passear’ ou ‘navegar’ na Internet... Esta relação foi afirmada, e continua a ser intensificada, com a migração de um conjunto de serviços do espaço físico para o virtual, tanto que hoje podemos viver desse modo muito do que eraapanágio da cidade concreta: fazendo compras, indo ao banco, frequentando a biblioteca, a escola, etc.

Luiz Diniz sintetiza essa dependência notando que os primeiros sítios da Internet recorreram estrategicamente a referências simplificadas e, entre elas, também ao vocabulário da cidade e da arquitectura para estabelecer proximidade com o utilizador e facilitar “o deslocamento do indivíduo nos espaços ainda complexos da virtualidade” por recriação de ambientes familiares. Explica Diniz (2008, p.103):

Assim, para entrar em um prédio de natureza pública, como por exemplo, uma biblioteca, representava-se um edifício tradicional no qual havia uma placa em que estava escrito BIBLIOTECA geralmente ao lado de outra entrada icônica com o dizer: “entre ou clique aqui para entrar.”

A compreensão do hipertexto a partir da metáfora da cidade transparece ainda da existência de um ‘mapa’, que em muitos sítios *web* ajuda a exploração/navegação entre as várias páginas que o compõem. Aí, como na cidade, a função é a mesma – orientar em território desconhecido.

Ao presente ensaio interessa, no entanto, e como antes dito, o raciocínio oposto: a transposição e verificação das características do hipertexto numa parte da cidade contemporânea. Espera-se que, na sequência do estabelecimento da dita familiaridade entre utilizador e Internet, uma vez assimilado e interiorizado o processo de navegação no

⁹ *Ensaio* tem aqui a dupla acepção de um exercício que se faz pela primeira vez e de um género textual, este assumido como Jayme Paviani (2009, p.3.4) o apresenta: “uma forma aberta de expor o pensamento” que, não pretendendo ser “doutrinal” ou “dogmático”, nem “oferecer conteúdos acabados”, visa antes “coordenar idéias”. No caso, estas ideias são as de quem assina o artigo, uma expressão sustentada na particularidade deste género admitir “a interpretação e o julgamento pessoal do autor”, sem que isso signifique descurar o rigor ou “ser subjectivo”, ainda que não abula “o espaço da subjectividade”.

espaço virtual, entre hipertextos, possa ser (mais) intuitiva a apreensão da cidade contemporânea, ou de alguns dos seus aspectos, por neles se encontrar correspondência com os do hipertexto, florescendo desse paralelismo um nexa que antes não se estabelecia.

b) A Premissa

Se na literatura a relação entre texto e hipertexto desafia os modos de escrita e de leitura convencionais, se no urbanismo a cidade pode ser considerada um texto ou conjunto de textos, então, por transposição metafórica, ela poderá ser objecto hipertextual, com potencial e estímulos renovados quer para a sua escrita (projecto urbana) quer para a sua leitura (análise urbana).

Para testar este silogismo, a intenção é ver dessa possibilidade – da percepção da cidade como objecto hipertextual – no contexto de um exercício de análise/observação urbana focado numa área de pequena dimensão localizada na franja administrativa do concelho de Matosinhos, onde se procura a correspondência com as características do hipertexto. A zona é conhecida como *Sete Bicas* e o estudo centra-se na estação de Metro assim designada (fig.1), precisamente, no espaço com que directamente confronta a sua saída Norte.

c) As razões da escolha da área

A área de estudo poderia ser outra. A título de conveniência temática e instrumental, no entanto, definiram-se três condições que a enquadram:

- C1. A localização na Área Metropolitana do Porto (AMP). Por um lado, porque se discute a *Hipercidade* e porque a AMP nas suas extensão, complexidade e configuração representa, no território nacional, a ideia de Corboz; e, por outro lado, porque a AMP é, de há longa data, espaço referencial de reflexão para a autora.
- C2. A localização centrada numa estação da rede de Metro do Porto. Por um lado, porque a noção de rede é fundamental no presente artigo (como se viu acima, o hipertexto não se explica sem ela); e, por outro lado, porque, inaugurada em 2002, essa infra-estrutura de transporte é um facto recente da modernidade da AMP.
- C3. A localização numa área fragmentada da 'hipercidade' onde a 'rede' fosse presente e estruturante. Acresce, no caso específico, o interesse de aquela reflectir um certo paradoxo pois o 'fragmento' coexiste com o 'centro' urbano, pese embora este ainda em construção. Concretizando ambas as condições, o estado de *fragmento*

LEGENDA:

- | | |
|--|--|
| 1. Porto Business School | 6. Praça das Sete Bicas + Ruína Efanor (Casa Máquinas/Chaminé) |
| 2. Colégio Efanor | 7. Universidade Sénior Ser + |
| 3. Terrenos Efanor | 8. Instituto CUF |
| 4. Capela das Sete Bicas + Capela de N. Senhora da Penha | M. Metro Sete Bicas, saída Norte |
| 5. Metropolis | Linha de Metro |

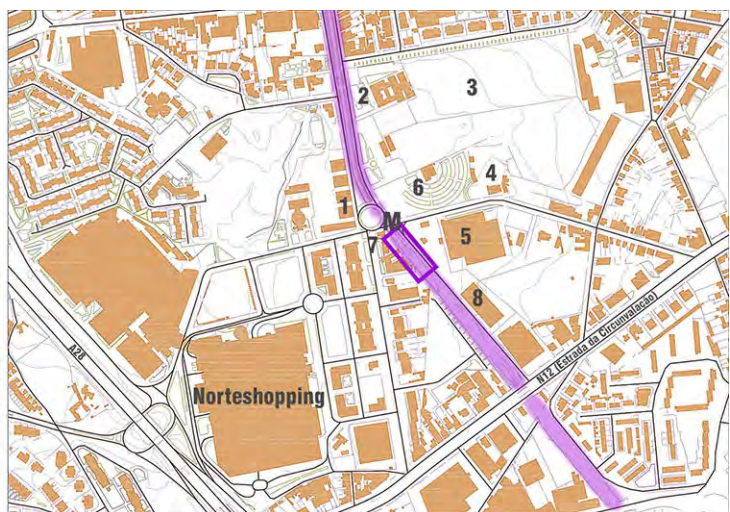
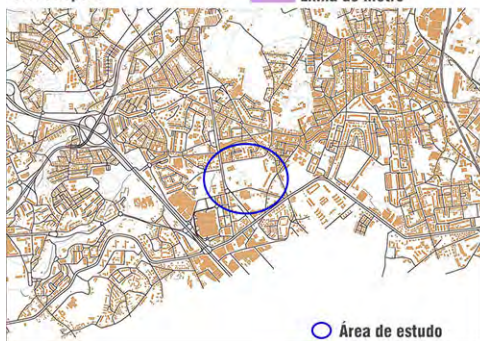


Fig.1. Localização da área de estudo – *Sete Bicas* – e identificação dos principais locais/espacos de referência. Fonte: Elaboração própria sobre base cartográfica trabalhada por Catarina Marques/UFP

decorre da presença de parcelas de grandes dimensões sem uso aparente; já o *centro* emergente atende, por um lado, ao conjunto de usos relativamente excepcionais que aí têm vindo a ser implantados na última década e meia (que no ponto seguinte se designarão), e, por outro, aos programas funcionais que previsivelmente ocuparão aquelas parcelas expectantes. Em particular, salientam-se os terrenos da antiga “Fábrica dos Carrinhos” (dedicada à produção de “carrinhos de algodão para coser e bordar”), como era conhecida a Empresa Fabril do Norte (Efanor), a qual foi encerrada no início dos anos 1990 (Vitorino, 2007) e demolidas quase todas as estruturas em 2007 (Silva, 2013). Este espaço, que desde essa altura se sabe estar reservado ao “Loteamento Efanor”¹⁰, denota, pelos seus 104.785m² de área bruta de construção, maioritariamente destinados à função residencial, mas com uma parcela destinada a serviços (Cardoso, 2018), não apenas a possibilidade de transformação radical da zona, como o reforço do carácter de centralidade referido. Este amplia-se em consequência da ocupação anunciada para uma parcela vizinha, onde igualmente o terreno (e edifício?) de uma outra antiga unidade fabril – Metrópolis – acolherá 110.000m² de área bruta locável, distribuídos entre “Residencial, Hotel, Residência Estudantes, Clínica Saúde e Escritórios” (The Edge Group, 2018) (fig.1).

4.2. As características do hipertexto (Levy, 1990) aplicadas na área das Sete Bicas

4.2.1. Princípio de metamorfose (fig.2)

A rede hipertextual está continuamente em construção e em renegociação. Pode manter-se estável durante um determinado período, mas esta estabilidade é ela própria fruto de um trabalho. A sua extensão, a sua composição e a sua representação são um desafio permanente para os actores envolvidos, quer estes sejam seres humanos, palavras, imagens, traços de imagens ou de contexto, objectos técnicos, componentes desses objectos, etc. (Levy, 1994, p.32)

A cidade está em permanente mutação – reflexo da sociedade que a habita – e, por dedução, também as suas partes, umas mais do que outras. Sintoniza-se a cidade, portanto, com o texto acima, pois que o seu progresso está, de igual modo, “continuamente em construção e em renegociação”, objecto de uma estabilidade apenas provisória. A observação do caso de estudo a uma escala macro, da evolução da área entre 1948 e 2018, mostra, de maneira muito evidente, o carácter provisional daquilo que parece fixo em horizontes temporais menores (fig.2). A uma escala mais próxima da realidade, as figuras 3 e 5 objectivam vários aspectos dessa transformação: o redesenho das parcelas, designadamente a da antiga fábrica Efanor que, por divisão, faz surgir outras: a do Colégio Efanor, a Praça das Sete Bicas e aquela(s) onde um conjunto de seis edifícios (Pomar, 2007) previsivelmente se implantará. Quando as parcelas permanecem inalteradas na sua geometria, são, por exemplo, os usos que as modificam, de forma mais ou menos subtil, implicando, ou não, a reestruturação dos edifícios: o referido Colégio Efanor, que substitui as antigas funções de administração, direcção e creche da Efanor¹¹; ou a Universidade Sénior Ser+, que renova uma ocupação residencial. Além das parcelas, a mudança reflecte-se no espaço das conexões, que, embora mais estável, igualmente se reforma, tal como o denota a conversão da linha ferroviária em linha de metro. Ou acontece no espaço da mobilidade pública, que se reconfigura em resposta a novas competências: em parte do terreno da velha Efanor, que é hoje parcialmente público, os atravessamentos pedonais, o parque de estacionamento e o jardim/prça denotam essa metamorfose. Esta manifesta-se ainda ao nível da resignificação espacial, em relação directa com os novos usos que se estabelecem, ou se preconizam, na zona – área dominada pela indústria no passado, é hoje uma centralidade urbana em afirmação, *i.e.*, uma área funcionalmente mista que, além da habitação, congrega o ensino, os negócios, a saúde e o lazer: um edifício preexistente alocado a Universidade Sénior; a Porto Business School que para aí transfere o seu novo campus

¹⁰ Até recentemente pertença da *Sonae Capital*, foi vendido à *Grandavenue 72 – Sociedade Imobiliária* (Cardoso, 2018).

¹¹ De acordo com a página *web* do Colégio, este ocupa “as antigas instalações do edifício social da fábrica Efanor” (Colégio Efanor, 2018), um edifício classificado pela Câmara Municipal como *Bem Imóvel de Interesse Municipal* M5: “Antigo Edifício da Administração, Direcção e Creche da Efanor” (CMM, 2016).

[Ferreira, 2013]; a fábrica Efanor que maioritariamente desaparece, afectando uma das suas partes a um novo jardim/prça; a antiga unidade fabril 'Metrópolis' que se prevê converter em espaço multiusos, onde escritórios e uma "Clínica Saúde" (The Edge Group, 2018) marcarão presença, e ainda, na proximidade, o Instituto CUF, em 2007, "[a] maior unidade de saúde ambulatoria do país" (TVI24, 2007) [Cfr. fig.1]. Sinal da contínua (re)construção da área é, finalmente, a transformação simbólica de um dos seus elementos mais emblemáticos: a ruína da casa de máquinas e chaminé da Efanor que ascende a património municipal¹² e é peça central do desenho da nova praça pública (supra referida). Colher e representar esta diversidade, que se compõe e recompõe no tempo, constitui, portanto, "um desafio permanente para os actores envolvidos", como o extracto da caracterização do *princípio* transcrito acima enuncia, sejam estes os indivíduos que a habitam, como as instituições às quais cabe, formalmente, identificar e representar o sentido dessa transformação.

4.2.2. Princípio de heterogeneidade (fig.3)

Os nós e as ligações de uma rede hipertextual são heterogéneos. Na nossa memória, encontraremos imagens, sons, palavras, sensações diversas, modelos, etc., e as ligações serão lógicas, afectivas, etc. Na comunicação, as mensagens serão multimédia, multimodais; analógicas, digitais, etc. O processo sociotécnico porá em jogo pessoas, grupos, artefactos, forças naturais de todas as dimensões, com todos os tipos de associações que se possa imaginar entre estes elementos. [Levy, 1994, p.32]

A heterogeneidade expressa-se com muita evidência na cidade; ela é a sua essência, mostrando-se quer nos edifícios, quer nas funções que acolhe, quer ainda no contexto social. Na área em análise – um ponto/nó da rede de metro e um contexto de relativa centralidade urbana – o princípio acima manifesta-se com clareza. Em termos visuais, ele mostra-se, por exemplo, na geometria das parcelas e na implantação dos edifícios, na materialização destes e tam-



Fig.2. Ilustração do Princípio de metamorfose. Evolução da área entre 1948–2018 – Edificado e rede viária. Fonte: Catarina Marques/UFP

¹² Classificado como Bem Imóvel de Interesse Municipal M6: "Casa de Máquinas e Chaminé da Efanor" (CMM, 2016).



Fig.3. Ilustração do Princípio de heterogeneidade. Vista aérea (2018) e conjunto de espaços/edifícios – Ruína da casa das máquinas e chaminé Efanor; Centro Cívico/Universidade Sénior Ser+; Porto Business School; Capela das Sete Bicas e, por último, antiga fábrica Metrópolis. Fonte: da imagem © Google Earth; das fotografias © Sara Sucena

bém nas suas funções: a habitação, o ensino (de diferentes contextos formativos), a religião, o lazer... (fig.3) Supõe-se também na componente social: os residentes, os que aí estudam/trabalham e os que passam ocasionalmente. Admite-se, ainda, no plano simbólico: o espaço sagrado das capelas (das Sete Bicas e de Nossa Senhora da Penha) vs. o restante espaço *profano*; a fábrica obsoleta e em ruína vs. a sua recente patrimonialização. Se acrescentarmos a interpretação pessoal do sítio com base nas percepções/imagens individuais que cada utilizador/habitante dela tem (Lynch, 1982) – a associação entre elementos *memoráveis* e a importância relativa de uns e outros – a heterogeneidade é exponencial e afirma-se nas máximas dimensões. Ressoar este *princípio* na área implica, por analogia com o texto acima, a sua apreensão e representação múltipla e multifacetada por "mensagens (...) multimédia, multimodais; analógicas, digitais, etc."

4.2.3. Princípio de multiplicidade e de encaixamento de escalas (fig.4)

O hipertexto organiza-se de um modo «fractal», isto é, se analisado, qualquer nó ou qualquer ligação pode revelar-se composto por toda uma rede completa, e assim por diante, indefinidamente, ao longo da escala dos graus de precisão. Em certas circunstâncias críticas, podem propagar-se efeitos de uma escala para outra: se se tratar de um tratado internacional, a interpretação de uma vírgula num texto (elemento de uma microrrede documental), pode repercutir-se na vida de milhões de pessoas (à escala da macrorrede social). (Levy, 1994, p.33)

A cidade contemporânea, mais do que qualquer uma das suas expressões anteriores, incorpora o carácter «fractal» nas várias escalas em que ocorrem as relações que a estruturam. Esse é-lhe inerente e de outro modo ela não funcionaria. Economia, política, sociedade – todas as dimensões urbanas têm hoje dependência de redes multi-

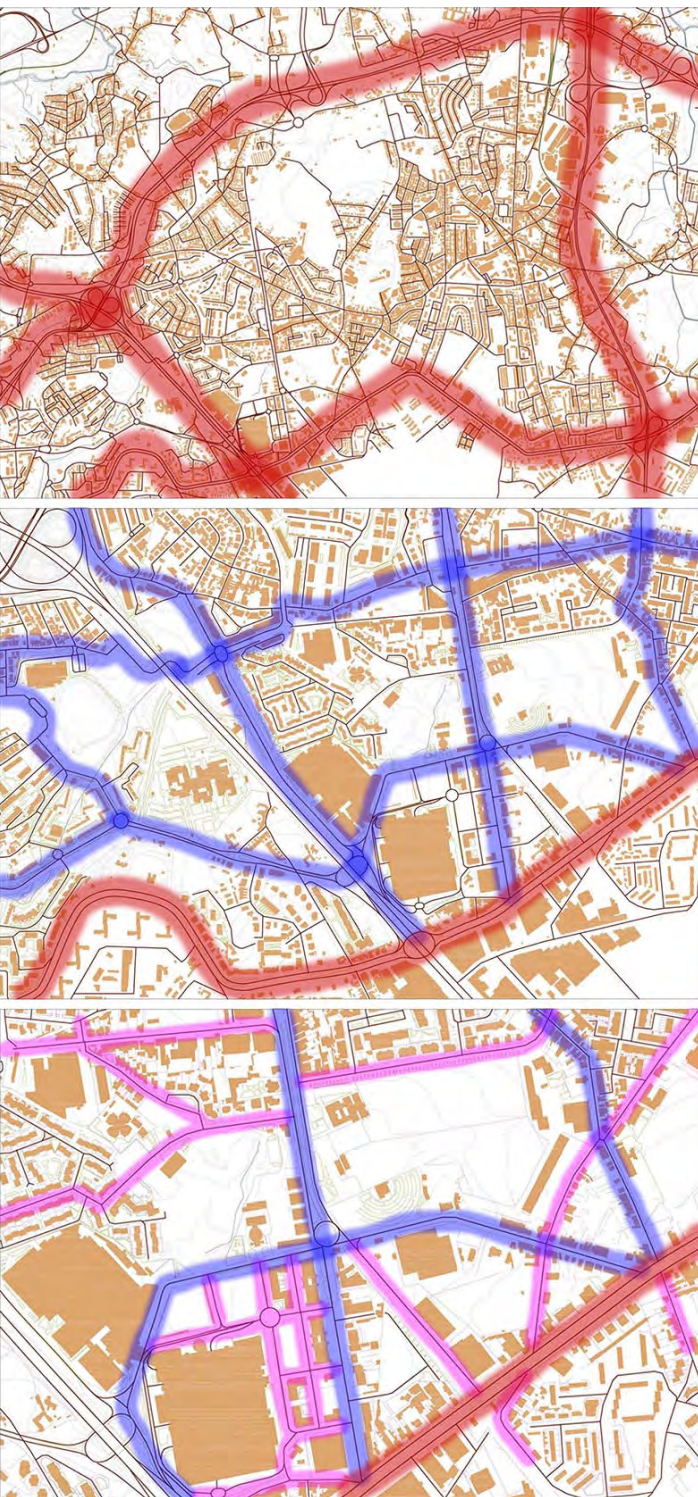


Fig.4. Ilustração do **Princípio de multiplicidade e de encaixamento de escalas**: Hierarquias da rede viária. A linha de cor vermelha ilustra o sistema da escala macro; a linha de cor azul, o sistema da escala meso; e a linha de cor rosa, o sistema da escala micro. Fonte: Elaboração própria sobre base cartográfica trabalhada por Catarina Marques/UFP

-escalares. Cada cidade é um nó na rede de cidades mundiais, como, noutra escala e âmbito, cada um dos seus habitantes também o é, especialmente ao fazer uso de um computador pessoal e da Internet, e ligando-se, em segundos, tanto ao seu vizinho fisicamente próximo, como a alguém distante noutro ponto do planeta. Além da mobilidade virtual, a mobilidade física é igualmente representada por sistemas de nós de distintas escalas, que se encaixam, interdependem e se multiplicam, horizontal e verticalmente, no essencial apoiando-se em modelos de funcionamento equivalentes – do aeroporto, no âmbito nacional e internacional; à estação de comboio ou metro, ou à paragem de autocarro, na geografia local. Este é, de resto, um dos aspectos mais elementares da materialidade da cidade. Reflectindo-o a partir da área em estudo, o foco na rede viária e na consecutiva compartimentação que as distintas hierarquias de traçado nela operam, ilustra com clareza uma expressão simples do encaixe de escalas (fig.4). A visualização decorrente das diferentes aproximações de observação, denota, na dependência das mesmas, o carácter «fractal» da área, ou seja, a sua composição “por toda uma rede completa, e assim por diante”, como o texto acima refere, nas várias escalas representadas: em todas elas se repete uma contextura base e alguns elementos compositivos, apesar da diferente geometria da trama estruturante, que é específica de cada nível.

4.2.4. Princípio de exterioridade (fig.5)

A rede não tem unidade orgânica, nem motor interno. O seu crescimento e a sua diminuição, a sua composição e a sua recomposição permanente dependem de um exterior indeterminado: junção de novos elementos, ramificações para outras redes, excitação de elementos terminais (captadores), etc. Por exemplo, no que se refere à rede semântica da pessoa que ouve um discurso, a dinâmica dos estados de activação resulta de uma fonte externa de palavras e de imagens. Na constituição da rede sociotécnica intervêm constantemente elementos novos, que a ela não pertenciam no momento anterior: electrões, micróbios, raios X, macromoléculas, etc. (Levy, 1994, p.33)

Este princípio está sintetizado na afirmação da cidade como facto social. A maior ou menor “unidade orgânica” do ob-

jecto urbano é relativa e temporária, já que a sua transformação, nas várias escalas que contém ou em que é contido, é incessante, pois dependente do seu agente principal – o ser humano, quer individualmente, quer enquanto colectivo. Pela amplitude infinita de acções que este agente empreende, maiores e menores, de todo o tipo, incontroláveis e ininterruptas, pode considerar-se que, não apenas é esse agente um “exterior indeterminado”, como o resultado das suas acções é, em consequência, uma “rede (que) não tem (...) motor interno”, como dito no texto acima. Na área de estudo, tomada como recurso ilustrativo, são aqueles que habitam de múltiplas maneiras as parcelas territoriais quem as altera, com mais ou menos evidência, no seu dia-a-dia. Podem juntar-se novos edifícios aos existentes, ou apenas novos modos de os usar; como pode o espaço público subdividir-se estender-se, fragmentar-se e multiplicar-se, num tempo mais ou menos longo. Pode este dinamismo ser constrangido e legalmente regrado por um colectivo, mas igualmente ser confiado à vontade do indivíduo. Em analogia com o texto supra, determinados edifícios/ usos podem constituir os “elementos terminais” que provocam a “excitação”, *i.e.*, serem os “captadores” – os *elementos-âncora* ou os *edifícios-ícone*, como seriam designados no campo disciplinar do urbanismo, os mais atractivos e que imprimem mais vitalidade na área. A par destes, outros existem com menor impacto pela escala mais contida ou privada de manifestação. Em qualquer caso, é sempre aquele dinamismo o gerador da “recomposição permanente” do espaço urbano, mesmo quando a cidade não a mostra de forma tão evidente, porque são as pequenas coisas, que apenas o olhar próximo e atento nota, que a alteram. A observação da zona das Sete Bicas em vários anos, entre 2004 e 2018, pelo que se lhe acresce e retira, exemplifica esse carácter inquieto e impermanente da cidade. Retendo a sequência das cinco imagens (fig.5), o aparecimento/desaparecimento de grandes *objectos urbanos* é, pelo seu impacto visual, mas talvez mais evidentemente pelos usos que aportam, o que transforma notoriamente a área. Cada um desses novos gestos urbanos – seja o edifício que se demoleu ou erige, ou uma função que se substituiu – afecta o que se passa nas suas imediações e por vezes muito além dessa envolvente próxima. Operando como “uma fonte externa de palavras e de imagens” que impele à (re)acção, tal como transcrito acima, os edifícios e os seus usos são, portanto, matéria da

mudança; mas apenas aquela manifestamente visível, pois muitas outras “fontes”, que apenas até certo ponto se antecipam, são invisíveis ao olhar desprevenido.



Fig.5. Ilustração do *Princípio de exterioridade*. Elementos de “crescimento” e “diminuição” da área. Na cor azul, os edifícios adicionados entre cada marco temporal datado. Em 2009, a mancha em cor vermelha mostra a parcela(s) correspondente à demolição (quase total) da Efanor, ocorrida em 2007. Fonte: Elaboração própria sobre imagens ©Google Earth

4.2.5. Princípio de topologia (fig.6)

Nos hipertextos, tudo funciona por proximidade, por vizinhança (relacional). Aqui, o curso dos fenómenos é uma questão de topologia, de caminhos. Não há um espaço universal homogêneo, onde passam circular livremente as forças de conexão e desconexão e as mensagens. Tudo o que se desloca deve seguir a rede hipertextual tal como ela é ou será obrigado a modificá-la. A rede não se situa no espaço, é o espaço. (Levy, 1994, p.33)

Na cidade, as parcelas e os edifícios, bem como os usos no seu interior, são ligados e acedidos através do espaço público. Na analogia com o hipertexto, os primeiros podem ser comparados aos nós e as vias de acesso às ligações compa-

radas aos "caminhos" acima citados. Assim abstractamente compreendidos, aqueles dois componentes da cidade denotam-na como uma rede, mas apenas referem aquela sua parte que resulta de um entendimento mais convencional. A metáfora hipertextual traduz, no entanto, e sobretudo, a parte da cidade que se suporta nas relações que não dependem da "proximidade" ou "vizinhança" física para serem próximas ou vizinhas. Aqui trata-se de vizinhança e proximidade relacionais; são as interações e a intensidade dos fluxos que as definem, e não as distâncias euclidianas. A Porto Business School (PBS) pode ser o exemplo paradigmático e ilustrativo deste princípio, com as suas conexões fundamentais dependentes do espaço topológico mais do que do euclidiano. Não é da interacção com as parcelas fisicamente vizinhas que o seu funcionamento depende; e



Fig.6. Ilustração do Princípio de topologia: A Porto Business School (PBS) organiza-se segundo redes de temporalidade e espacialidade múltipla e diversa, cuja proximidade (física e virtual) depende das relações estabelecidas com relativa independência das distâncias reais. Fonte: Elaboração própria a partir de informação de diversa origem disponível na Internet sobre imagem ©Google Earth

os caminhos físicos com que confronta, a infra-estrutura rodoviária e metropolitana, servem a proximidade relativa (que a distância-tempo também é). A geografia variável com que a PBS interage é potencialmente o mundo, com representação nos estudantes e docentes que em tempos diversos e formações de diferente duração se comprometem em plataformas física e virtual mais ou menos síncronas. Essas redes múltiplas em acção são simbolizadas num edifício que ocupa um espaço físico concreto, mas é a sua topologia que efectivamente o significa.

4.2.6. Princípio de mobilidade dos centros (fig.7)

A rede não tem centro, ou melhor, tem permanentemente vários centros, que são como outros tantos pontos lumino-

sos perpetuamente móveis, saltando de um nó para outro, arrastando em torno de si uma ramificação infinita de radículas, de rizomas, finas linhas brancas, que esboçam, num dado instante, uma carta requintadamente pormenorizada e que depois correm para desenhar mais adiante outras paisagens do sentido. (Levy, 1994, p.34)

A cidade enquanto conjunto de *nós e ligações* (físicas e virtuais) organizado segundo relações variáveis e de múltipla expressão espaço-temporal tem inerente a noção de *centro* móvel. Nesse contexto, se no cenário hipertextual os *nós* constituem os *centros*, então, por analogia directa, na cidade podem as parcelas/edifícios ilustrar a materialização da colecção “dos centros” entre os quais o exercício de “mobilidade” é possível. Os seus habitantes, por consequência,

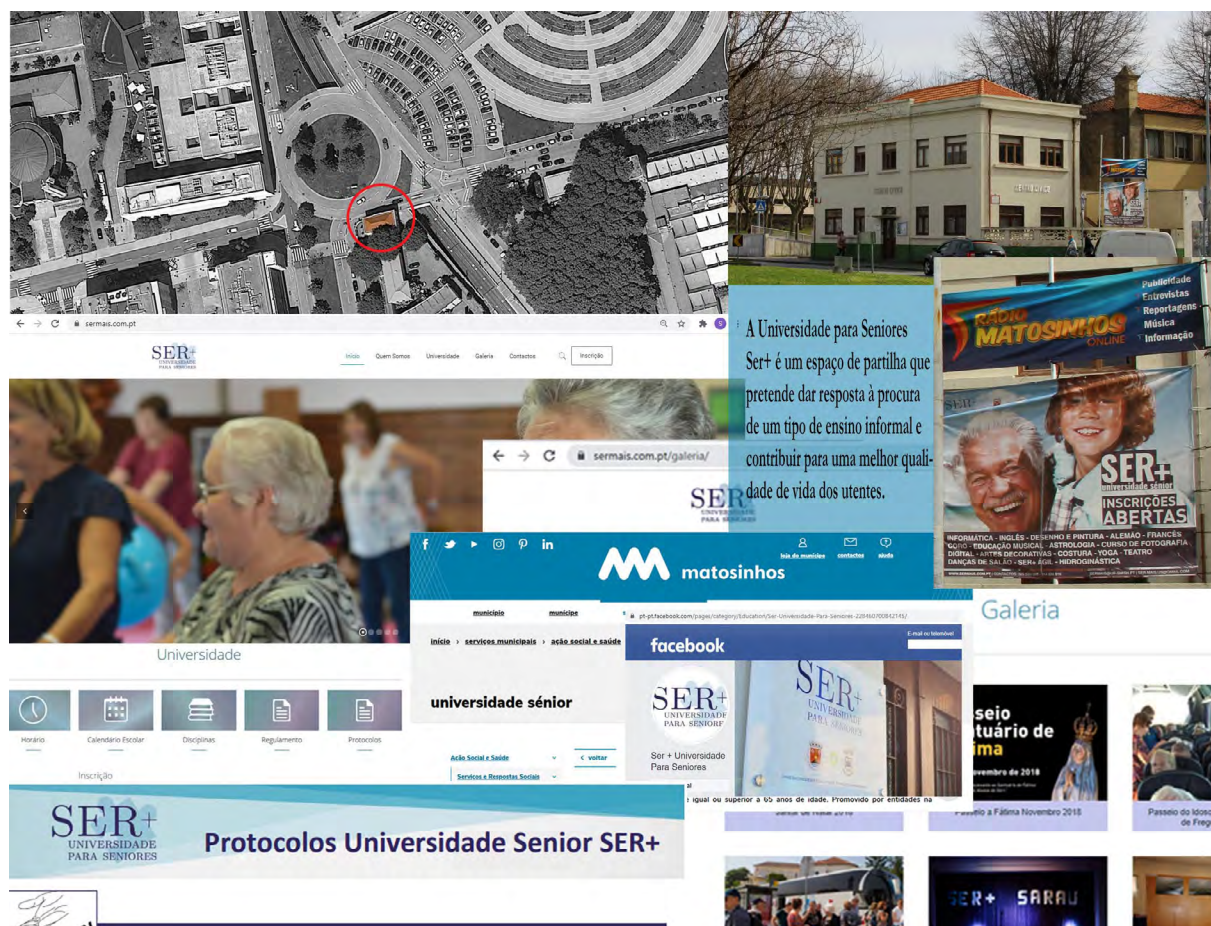


Fig.7. Ilustração do Princípio de mobilidade dos centros: A multiplicidade de centros físicos e virtuais acessível ao utilizador na cidade e/ou na ciberidade.
Fonte: Elaboração própria a partir de informação de diversa origem disponível na Internet

existem movendo-se “permanentemente” entre “vários centros”, na medida em que, nas respectivas dinâmicas de vida, e de acordo com as razões de preferência ou interesse específicas, temporariamente os habitam. Entendimento similar se aplica ao interior de cada parcela/edifício, onde outros “centros” surgem na dependência dos espaços que se ocupam. No âmbito da análise urbana, qualquer um destes *nós* pode ser eleito como *centro* pelo urbanista no momento em que concentra a atenção (a recolha de informação) em cada uma das parcelas/edifícios da área que estuda. É, portanto, o foco do observador – do habitante ou do investigador – que define o *centro*, o qual é por isso móvel e potencialmente qualquer *outro* em resposta às suas preferências, interesses ou critérios do momento. Aplicado à área de estudo, o princípio em discussão pode ilustrar-se colocando o *centro* na parcela/edifício da Universidade Sénior Ser+, entre outros possíveis (tantos quantos as parcelas/edifícios da área em estudo). Este foco possibilita a entrada num determinado número de “centros” físicos – a parcela, o edifício, cada um dos seus compartimentos – mas também num número infindável de “centros” virtuais, que a fig.7 procura sinteticamente exemplificar. Aqui, a noção de *centro* perde a estrita aplicação na materialidade concreta da arquitectura da cidade para se ampliar na da cibercidade. O mapa do sítio *web* conduz-nos então entre esses outros espaços, edifícios, compartimentos – outros “centros” –, que, em qualquer momento, se abandonam (tal como acontece na cidade) a partir de ligações que convidam a sair de um e entrar noutro, “saltando de um nó para outro”. Na cidade, como na cibercidade que a prolonga, o habitante contemporâneo move-se assim entre “centros” concretos e virtuais, com frequência conciliando e conciliando-se em vários deles simultaneamente, e “arrastando em torno de si uma ramificação infinita de radículas”, como acima se transcreve. Responde nesse exercício dinâmico a várias expressões e sentidos de si, da sua individualidade, confirmando a vocação hipertextual que François Ascher, na citação de abertura do presente artigo, lhe atribui.

5. CONCLUSÃO

O presente artigo reflectiu sobre a aplicação da metáfora do hipertexto numa área urbana de reduzida dimensão pre-

tendendo relevar novos nexos na conceptualização da cidade contemporânea. A introdução da “sociedade hipertexto” como suporte da modernidade actual, tal como entendida por François Ascher (2001), abriu caminho à apresentação da noção de “hipertexto”, cujas características fundamentais, exaltadas desde os domínios disciplinares da informática e da linguística/literatura, relevaram predominantemente da contraposição estrutural entre os dois modos de escrita e de leitura do texto/livro – papel vs. digital. A partir deste mote, a transposição da discussão para o contexto da Arquitectura e, especificamente para a cidade, ocorreu com naturalidade, apoiada num conjunto de autores que a entendem como processo de escrita e por isso matéria de leitura. Destacou-se André Corboz que directamente fez a ponte entre aspectos do hipertexto e aspectos gerais, específicos ao sistema urbano contemporâneo, através da designação da “hipercidade”, que sinteticamente apresentou em 1994 – o prefixo hiper, tal como na geometria (hiper-espaço) remete para as várias dimensões da espacialidade do espaço urbano. A persistência da incompreensão das expressões distintivas da cidade contemporânea, ainda na segunda década do século XXI, esteia a pertinência de buscar conceptualizações alternativas e nessa se enquadra o *ensaio* urbanístico empreendido. Duplamente objectivado, visou, por um lado, a experiência da aplicação num contexto urbano das seis características do hipertexto identificadas e descritas por Pierre Lévy, em 1990, e, por outro, a construção do pensamento que sustentou essa transposição metafórica. Focado na envolvente directa da saída Norte da estação do Metro das Sete Bicas, em Matosinhos, o exercício da correspondência entre as seis curtas descrições de Lévy e aspectos da área permitiu observar a sintonia da leitura paralela ‘hipertexto-cidade’ e confirmar a essência hipertextual do objecto urbano contemporâneo. Complementando a tradicional abordagem morfológica à representação/compreensão da urbanização, a análise hipertextual acentua uma outra lógica de organização que decorre da geometria relacional em que cada actividade se insere.

AGRADECIMENTO

Aos meus alunos da disciplina *Estrutura do Território de Urbanização Difusa*, que coordeno e lecciono na Universida-

de Fernando Pessoa, desde 2009. O seu trabalho de análise da evolução da expansão do edificado e da rede viária do concelho de Matosinhos, com base na cartografia militar à escala 1/25.000 (Série M888) – cartas 110 e 122 (1948–2011) – constituiu a base de ilustração de alguns dos tópicos desenvolvidos. Em particular, agradeço à aluna Catarina Marques, que reviu, corrigiu, reuniu e sistematizou a informação disponibilizada pelos colegas, aprofundando as suas coerência e expressão gráfica.

REFERÊNCIAS

- Ascensão, A. T., Babo, M. A., e Torres, R.** (2014). O hipertexto na Cultura Contemporânea: do fim da linearidade à abertura conceptual. *Cibertextualidades*, 6, pp.121–138.
- Ascher, F.** (2010). *Novos princípios do urbanismo*. Livros Horizonte. [orig. *Les Nouveaux Principes de L'urbanisme*, 2001, Éditions de l'Aube.]
- Cardoso, M.** (2018, Novembro 15). Sonae Capital vende loteamento Efanor junto ao NorteShopping. *Expresso*. <https://expresso.pt/economia/2018-11-15-Sonae-Capital-vende-loteamento-Efanor-junto-ao-NorteShopping> (acedido em 29-11-2018)
- CMM** [Câmara Municipal de Matosinhos] (2016, Fevereiro 22). *Clima de festa na inauguração da praça das sete bicas*. <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/comunicacao-e-imagem/noticias/noticia/clima-de-festa-na-inauguracao-da-praca-das-sete-bicas> (acedido em 15.7.2018)
- CMM** [Câmara Municipal de Matosinhos] (2016). *Património Cultural – Bens Imóveis, Inventário e Classificação. Classificação de Interesse Municipal. Planta de Registo, Senhora da Hora* (ficheiro PDF). Disponível em https://www.cm-matosinhos.pt/cmmatosinhos2020/uploads/document/file/7331/planta_de_registro_-_senhora_da_hora.pdf (acedido em 10.9.2018)
- Colégio Efanor** (s.d.). *Instalações*. <http://www.colegioefanor.pt/pt/o-colegio/instalacoes/> (acedido em 30-7-2018)
- Corboz, A.** (2000). La hiperciudad. In *Orden disperso. Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio*. (2000, pp.265–70). Editorial Universidad Nacional de Quilmes. [orig. L'ipercittà. 1994. *Urbanistica*, 103, 6–10]
- Corboz, A.** (1997). *La Suisse comme hyperville* (ficheiro PDF). Disponível em http://www.jointmaster.ch/jma/ch/de-ch/file.cfm/document/La_Suisse_comme_hyperville.pdf?contentid=1040 (acedido em 10.6.2018).
- Corboz, A.** [com Marot, S.] (2001). Du palimpseste à l'hiperville. André Corboz, webmaster de la ville et des territoires. In *Le Territoire comme palimpseste et autres essais* (pp. 9–19). Les éditions de l'Imprimeur.
- Deleuze, G. e Guattari, F.** (2016). *Rizoma*. Documenta. [orig. *Rhizome*. 1976, 1980. Éditions de Minuit]
- DGT** [Direção Geral do Território] (2018). *PNPOT, Versão para Discussão Pública da Estratégia e Modelo Territorial* (proposta de alteração) (ficheiro PDF). Disponível em <https://participa.pt/contents/consultationdocument/imported/2210/335536.pdf> (consultado em 7.6.2018)
- Diniz, L. A. G.** (2008). *Cibercultura, Hipertexto e Cibercidade* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade Estadual Paulista.
- Domingues, Á.** (2015). Território como hipertexto. In A. Domingues e N. Travasso Território (coord.) *Território: casa comum* (pp.38–41). FAUP.
- Ferreira, A.** (2013, Dezembro 11). Escola de gestão muda-se do Porto para Matosinhos. *Expresso*. <https://expresso.pt/economia/escola-de-gestao-muda-se-do-porto-para-matosinhos=f845629> (acedido em 29.7.2018)
- Hubert, C.** (s.d.). *Hypertext City*. Disponível em https://www.christianhubert.com/writings/hypertext_city.html (acedido em 30.4.2018)

Kolb, D. (1998, Janeiro 26). *Anche il Talmud era un ipertesto*. [G. Roncaglia Entrevistador]. Disponível em <https://www.repubblica.it/online/internet/mediamente/kolb/kolb.html> [consultado em 5.4.2018]

Koolhaas, R. (2010). A Cidade Genérica. In *Três textos sobre a cidade* (pp.29–65). GG. [orig. The Generic City, 1994. In J. Siegler (Ed.), 1995. *S, M, L, XL: Small, Medium, Large, Extra-Large*. O.M.A., Rem Koolhaas and Bruce Mau, pp.1239–1264, The Monacelli Press.]

Landow, G. P. (2006). *Hypertext 3.0. Critical Theory and New Media in an Era of Globalization*. Johns Hopkins University Press.

Lévy, P. (1994). *As tecnologias da inteligência. O futuro do Pensamento na Era da Informática*. Instituto Piaget.

Lévy, P. (2001). *O que é o virtual?* Quarteto Editora.

Marinheiro, C. (2010, Março 10). A etimologia da palavra escrever. In *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-etimologia-da-palavra-escrever/27806> [acedido em 5-10-2018]

Metro do Porto (s.d.). *História, 2002*. Disponível em <https://www.metroporto.pt/pages/3217.dez.2002> [acedido em 25-8-2018]

Paviani, J. (2009). O Ensaio como Genêro Textual [ficheiro PDF]. V *SIGET, Simpósio Internacional de Estudos de Genêros Textuais*. Disponível em <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/65/o-ensaio-como-genero-textual.pdf>

Pomar, A. (2007, Maio 6). A festa discreta de Serralves / e da Sonae. *Blog de Alexandre Pomar*. https://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2007/06/a_festa_discret.html [acedido em 15.7.2018]

The Edge Group (2018). *Projetos, Metropolis*. Disponível em <http://www.theedgegroup.com/metropolis.html> [acedido em 2-8-2018]

Tosca, S. P. (s.d.). Review of David Kolb's Socrates in the Labyrinth. *Hipertulia*. <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/hipertul/socrates2.html>. [acedido em 5.5.2018]

TVI24 (2007 Setembro 19). Maior unidade de saúde ambulatória do país. Instituto CUF em Matosinhos já começou [a] receber doentes. *TVI24*. <https://tvi24.iol.pt/matosinhos/hospital/maior-unidade-de-saude-ambulatoria-do-pais> [acedido em 15.7.2018]

Silva, G. B. (2013, Agosto 23). EFANOR, ou Fábrica dos Carrinhos – Matosinhos. *Ruinarte*. <http://ruinarte.blogspot.com/2013/08/efanor-ou-fabrica-dos-carrinhos.html> [acedido em 16.7.2018]

Solà-Morales, M. (1994). Cidades cortadas | Cut cities. In F. Fernandes e M. Cannatà. *Formas urbanas=Urban shapes* (2000) (pp. 28–37). Edições Asa.

Vitorino, M (2007, Junho 13). EFANOR 100 anos de memórias. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/arquivo/2007/efanor-100-anos-de-memorias-677656.html?id=677656> [acedido em 16.7.2018]

Zevi, B. (1984). *A linguagem moderna da arquitectura*. Dom Quixote. [orig. *Il Linguaggio Moderno dell'Architettura – Architettura e storiografia*, 1973/74, Einaudi.]